

**BLUMENAU E SEUS PERSONAGENS:  
O PAPEL DAS FOTOGRAFIAS NA CONSTRUÇÃO DE SEU MITO FUNDADOR\***

**BLUMENAU AND ITS CHARACTERS:  
THE PHOTOGRAPHS' FUNCTION IN THE FOUNDER MYTH'S CONSTRUCTION**

**Carla Fernanda da Silva**

Mestre em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)  
Professora Substituta do Depto. de História e Geografia da Universidade Regional de Blumenau. (FURB)  
E-mail carlaf@furb.br

**RESUMO**

O foco deste artigo é a narrativa visual sobre a cidade de Blumenau por meio da *Revista Blumenau em Cadernos*, periódico dedicado à história de Santa Catarina, em especial à história local. No decorrer da pesquisa, relacionou-se a revista com o seu fundador - José Ferreira da Silva, um intelectual, escritor e jornalista com considerável produção sobre a história de Blumenau – para então estabelecer a trajetória e a linha editorial do periódico. A narrativa visual presente na *Revista Blumenau em Cadernos* evidencia alguns personagens constantes nas suas edições, nas quais são reproduzidas fotografias do final do século XIX e do início do século XX. Nelas figuram indígenas e os primeiros colonizadores, formando uma narrativa sobre a colonização de Blumenau, constituindo o mito fundador local.

**Palavras-chave:** Fotografia. Blumenau. Cidade. José Ferreira da Silva. Mito Fundador

**ABSTRACT**

The focus in this paper is the visual narrative about Blumenau city through the magazine *Blumenau em Cadernos*, which is dedicated to the history of Santa Catarina, mainly to the local history. Throughout the research, the magazine was related to its founder, José Ferreira da Silva, an intellectual with considerable production about Blumenau history while writer and journalist, to so establish the magazine trajectory, as well as its editorial line. The visual narrative present in the magazine *Blumenau em Cadernos* evidences the presence of some constant characters in its editions, in which are reproduced photographs taken between the

end of the nineteenth century and the beginning of the twentieth century. In them are the first settlers and the Indians, forming a narrative about the colonization of Blumenau, constituting the local founder myth.

**Key-words:** Photography. Blumenau. City. José Ferreira da Silva. Founder Myth.

A fotografia é fundamental para a imagem-conceito que as pessoas têm de sua cidade, principalmente quando vinculada a uma publicação importante para a construção da memória local. Por isso, ao pesquisar Blumenau, optou-se em estudar a *Revista Blumenau em Cadernos*, que teve um importante papel na preservação da história do município. A visualização das fotografias publicadas nesta Revista permite que as pessoas reflitam sobre a cidade e criem uma imagem-conceito do local, ou seja, seus espaços de memória.

A *Revista Blumenau em Cadernos* surgiu no ano de 1957, a partir da iniciativa de José Ferreira da Silva de publicar a história de Blumenau e do Vale do Itajaí em cadernos mensais, visando contribuir para a escrita da história do Estado de Santa Catarina e do Brasil. Ao fundar o periódico, seu objetivo principal foi:

tornar mais conhecida a história do município, mais estimada e venerada a memória dos homens que fizeram a sua grandeza e para que o exemplo desses pioneiros sirva de orientação e estímulo aos que trabalham para que nosso futuro não seja menos glorioso que o passado (REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS, 1957, p.1).

O enaltecimento do passado e o destaque aos ‘grandes vultos’ da história é constante na escrita de Ferreira da Silva, para quem, as adversidades foram meios para os colonizadores provarem seu valor civilizador. Enquanto editados por Ferreira da Silva, os artigos da revista exaltaram o passado de Blumenau, pois abordavam fatos históricos que, no ponto de vista do autor, haviam impulsionado o progresso do município e os comparava ao que ocorria no restante do País. Segundo Benjamin (2006, p. 520), “o conceito de progresso precisou opor-se à teoria crítica da história a partir do momento em que deixou de ser usado como medida de determinadas transformações históricas para servir como medida da tensão entre um lendário início e um fim da história.” O conceito de progresso empregado por Ferreira da Silva inibe a reflexão crítica sobre história de Blumenau, uma vez que a sociedade blumenauense é apresentada em um movimento retilíneo de evolução, no qual o presente está calcado no esforço do trabalho dos pioneiros da Colônia. Ao fazer sua leitura histórica a partir do

progresso do município, Ferreira da Silva fez da *Revista Blumenau em Cadernos* um espaço para exaltar suas origens.

José Ferreira da Silva editou a *Revista Blumenau em Cadernos* até 1973, quando faleceu em um acidente de automóvel. Contudo, percebe-se que a linha editorial permaneceu a mesma até 1997, quando foi criado um Conselho Editorial que possibilitou a inserção de artigos científicos e, a partir daí, incentivou uma discussão historiográfica.

Na escrita da história de Blumenau, Ferreira da Silva ressalta o papel dos pioneiros da colonização como homens que sacrificaram sua vida na Europa para construir um mundo civilizado em meio à selva brasileira, dando-lhes um caráter altruísta. Analisar o discurso histórico produzido pelo autor se faz necessário para compreender “a construção de identidades sociais resultante da relação de força entre as representações impostas por aqueles que têm poder de classificar e de nomear e a definição, submetida ou resistente, que cada comunidade produz de si mesma.” (CHARTIER, 2002, p. 73).

Novos suportes são necessários para de garantir a perpetuação da história. Assim a *Revista Blumenau em Cadernos* torna-se um novo meio de reorganizar a representação do mito fundador ao longo da história de Blumenau. Os textos sobre o município presentes na revista não são novos, pois já haviam sido editados anteriormente por Ferreira da Silva, mas a publicação em forma de cadernos permitiu uma nova forma de repetição desta história. Com efeito, ‘o futuro não se faz sem o passado, e este é um ato humano de rememoração. Seria básica a realização de um processo de ‘narração’ da história, que identificasse os acontecimentos, os personagens e ‘os sentidos’ de seus atos (GOMES, 1996, p. 73).’

O conjunto de fotografias publicadas pela *Revista Blumenau em Cadernos* contém um discurso sobre a colonização da cidade e sobre as famílias. São fotografias dos pioneiros, daqueles que, segundo Ferreira da Silva, fundaram e conduziram a cidade ao progresso. Alguns retratos são bastante significativos por sua repetição. Algumas vezes, o fotógrafo preserva a memória da cidade, outras, atua como aquele que denuncia. A Blumenau que chega até nós é uma seleção de espaços consagrados pelo fotógrafo que, ao serem divulgados em postais, livros comemorativos e revistas com status de memória oficial, tornam-se parte também da memória social.

Estes pioneiros são evidenciados constantemente nos periódicos, por isso, a necessidade de uma análise de seus retratos. São fotografias do final do século XIX e início do século XX, nas quais figuram Hermann Blumenau, Dr. Fritz Muller, indígenas e os

primeiros colonizadores, formando uma narrativa sobre a colonização de Blumenau. São os poucos retratos nominados presentes na Revista, sendo os demais anônimos. Naquele momento, a fotografia apresenta-se como um souvenir, que servia ao viajante/antropólogo e aos colonizados para fazer valer seus relatos, ou seja, dar testemunho de verdade.

A fotografia participava da ótica estereotipada de teorias raciais, destacando-se o grotesco, o estado selvagem como um fato ultrapassado, marcando os tipos étnicos e dividindo-os em mais evoluídos e menos evoluídos. Nesta narrativa fotográfica, temos os colonizadores europeus representando a civilização e os indígenas representando o selvagem, que, parte dos civilizados acreditava, deveriam ser pacificados.

Esses retratos podem elucidar a compreensão que se tinha da realidade no século XIX, visto que tinha intenção de ser um testemunho da verdade da época - uma representação de sua existência para a história. Porém, não é possível fazer a leitura destes retratos como um momento histórico perpetuado, mas como uma construção, tanto pelas poses, quanto pelos cenários.

O retrato, de fato, ativa um mecanismo cultural que faz o indivíduo alcançar a própria identidade graças ao olhar do outro (FABRIS, 2004). A fotografia - por vezes a única possuída pelo retratado do século XIX - representa seus anseios e constitui uma identidade social a ser perpetuada. A pose, os trajes e o cenário são suportes importantes na construção social da imagem do fotografado. Segundo Fabris (2004), ao tomar lugar na velha aristocracia por meio do retrato fotográfico, a burguesia apropria-se de um de seus privilégios simbólicos mais ostensivos, confere de imediato um significado de auto-afirmação individual e coletiva.

Nesse sentido, o retrato fotográfico representa os valores de um grupo, evocando o verdadeiro, o belo e o virtuoso por meio das poses, cenários e maquiagens, demonstrando o modelo a ser seguido, assim como o pertencimento do retratado a este grupo. Ao observar as fotografias do século XIX veiculadas na *Revista Blumenau em Cadernos*, percebe-se implícito o discurso do colonizador, aquele que veio para dominar a natureza selvagem, civilizar, fazer surgir da selva casas, prédios, ruas, fábricas, tecnologia, etc.

Os retratos do século XIX dos diversos personagens da história de Blumenau seguem o padrão europeu em seus trajes, sobretudos e poses características de estúdios fotográficos, nos quais havia um guarda-roupa para que o fotografado pudesse posar com roupas elegantes, e transmitir prosperidade econômica e social. Em relação a estas fotografias, pode-se concordar com Kossoy (1980, p. 44):

O cliente “se converte, ele mesmo, num acessório do estúdio”. Suas poses em geral obedecem a padrões pré-estabelecidos e já institucionalizados de acordo com sua atividade profissional e sua posição social. (...) O cliente de estúdio, porém, nem sempre correspondeu a essa expectativa padronizada, pois; enquanto personagem diante da câmara, por que não congelar sua imagem para eternidade representando o que ele não era de fato na realidade.

Nas imagens, os personagens fotografados estão com os melhores trajes e, neste momento da história, a fotografia não é realizada para constituir um Álbum de Família, mas sim para ser presenteada aos outros, a *Carte du Visite*. Mais do que eternizar momentos agradáveis em família ou entre amigos, pretende-se eternizar um ideal de prosperidade. No retrato, o sujeito pode se reafirmar ou se inventar:

Diante da objetiva, sou ao mesmo tempo: aquele que eu me julgo, aquele que eu gostaria que me julgassem, aquele que o fotógrafo me julga a aquele de que ele se serve para exibir sua arte. Imaginariamente, a fotografia representa esse momento muito sutil em que, para dizer a verdade, não sou nem sujeito nem um objeto, mas antes um sujeito que se sente tornar-se objeto: vivo então uma microexperiência da morte: torno-me verdadeiramente espectro (BARTHES, 1984. p. 27).

Compreendendo a fotografia como uma construção discursiva, os colonizadores/personagens dos retratos blumenauenses simbolizam a vitória da civilização sobre o mundo selvagem brasileiro. Alguns dos retratos mostram os colonizadores ao ar livre, com a mata no fundo, contrastando com seus trajes europeus, relógios de bolso, copos de vinho, chapéus e outros acessórios. Além dos acessórios, as poses desses retratos são características de um estúdio em que o fotógrafo dispõe as pessoas para dar simetria ao retrato (Figura 1).

“A fotografia, por vezes, representa os mitos do fotógrafo, mitos estes que aproximam a fotografia da sociedade, um desejo, um anseio da sociedade, em que a fotografia cumpre o seu papel de informar, representar, surpreender, fazer significar, dar vontade” (BARTHES, 1984. p. 48). Nesse sentido, toda fotografia é incerta, por vezes, necessitando assumir uma máscara, um sentido para que a sociedade a aceite e transforme numa memória estética, mas não política, pois seu sentido político poderia ferir a memória oficial.

Em sua trajetória como historiador, Ferreira da Silva elabora sua escrita em torno da exaltação do mito de fundação de Blumenau, descrevendo como idealizador da Colônia Hermann Blumenau, o visionário alemão, o bravo e destemido homem que se aventurou na selva brasileira para transformá-la num mundo civilizado. Ao lado deste, os primeiros imigrantes, aqueles que acreditaram na construção de um novo mundo além do Atlântico. A idealização desta fundação, cercada pelo imaginário, fez-se presente de forma constante no

texto e fala de Ferreira da Silva, cuja repetição pretendia a eternização do mito. Seu texto - que relembra o fundador e suas dificuldades - continuamente traz para o presente este instante da história, fazendo deste o motivo para o 'progresso' do município. Para o autor, é importante que a comunidade não esqueça de sua origem, buscando em seu mito fundador o sentido do seu presente.

Segundo Chauí (2000), mito fundador é aquele que não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se: novas linguagens, novos valores e idéias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo. A epopéia<sup>1</sup> de Hermann Blumenau e dos primeiros imigrantes é difundida por Ferreira da Silva em seus jornais, nas biografias, em especial nos livros *Fritz Muller*<sup>2</sup> (1931) e *O Doutor Blumenau*<sup>3</sup> (1933), no *Calendário Blumenauense*, nos monumentos em homenagem a estes e nas constantes referências em seus discursos como administrador do município.

O livro editado em comemoração ao centenário é um marco importante na narrativa visual da história de Blumenau, pois contém um conjunto de fotografias, organizado com o intuito de representar a história do município. Parte destas imagens foi escolhida pelos editores da *Revista Blumenau em Cadernos* para constituir sua narrativa histórica. Essas fotografias representam Blumenau ao longo do tempo histórico, estabelecendo identidades e memórias a personagens e lugares considerados históricos.

Neste processo de narração, imagens são escolhidas para rememorar esta origem, compreendidas como cópias da realidade, as quais servirão como prova da verdade contida nos textos de historiadores blumenauenses como José Deeke e José Ferreira da Silva, publicados na *Revista Blumenau em Cadernos*. Assim, imagem e texto complementam-se na construção do discurso em torno do mito de fundação de Blumenau.

A fotografia "*Primeiros Imigrantes Blumenauenses*"<sup>4</sup> (Figura 1) consta na *Revista Blumenau em Cadernos* como ilustração de textos diversos referentes à colonização, com duas legendas: '*Primeiros imigrantes blumenauenses - 1867*' ou apresentando a relação de homens na fotografia, e em alguns casos destacando suas atividades profissionais: '*Gustavo Spierling - Carlos Friendereich - Dr. Bernardo Knoblauch (médico) - Carl Meyer - Hans Breithaupt (Agrimensor) - Oswaldo Hesse (Pastor Luterano) - Carl Friendereich (veterinário/parteiro/médico) - Victor Gaertner (sobrinho Dr. Blumenau) - Hermann Winderburg (Vice-presidente da Colônia).*' A imagem por si representa o discurso do progresso da civilização e a legenda reforça esta concepção ao referenciar as profissões (médico, veterinário, agrimensor) destes colonos. O valor atribuído à formação profissional

ênfatiza uma possível superioridade intelectual dos homens que formaram a Colônia Blumenau, considerada a primeira causa do progresso vivenciado pela cidade, assim nas palavras de Silva (1973):

(...) não nos cansamos de ressaltar e louvar no comportamento dos pioneiros blumenauenses, como marcantes no processo evolutivo da nascente comunidade, pelas magníficas lições de trabalho de ordem, de disciplina, de atividade constante dos nossos antepassados.



**Figura 1: Primeiros Imigrantes Blumenauenses - 1867**

Fonte: Revista Blumenau em Cadernos (Jan. 1958, p. 52)

O mito fundador não é apenas constituído pelas imagens que são veiculadas na revista, mas também por aquelas que estão ausentes, como fotografias das primeiras colonizadoras. Estas imagens fazem parte do acervo do Arquivo Histórico, mas nos textos referentes à colonização não são usadas como ilustração. O discurso do progresso, que caracteriza os artigos anteriores a este período, exclui as mulheres do processo. Esposas, filhas ou viúvas, por vezes, não têm nome, figuram ao lado de seus maridos e pais como fiéis



companheiras, mas nunca como atuantes na construção da Colônia. Fotografias de mulheres tornam-se presentes na revista somente a partir da constituição do Conselho Editorial e publicação de artigos vinculados à pesquisa universitária, ou seja, a partir de 1997.



**Figura 2: Damas da Sociedade Blumenauense em 1867**

Fonte: Centenário de Blumenau (1950).

Em uma fotografia de 1867 (Figura 2), observa-se algumas mulheres da Colônia Blumenau, produzida no mesmo momento em que a fotografia citada anteriormente (Figura 1), mas que não foi utilizada como ilustração de textos referentes ao período de Blumenau Colônia, porém podem ser encontradas no livro *Centenário de Blumenau* (1950), entre as outras fotografias selecionadas como representativas destes cem anos de Blumenau.



O mito fundador de Blumenau é em sua essência masculino. Em sua representação, por meio de fotografias e monumentos, figuram homens, sendo exaltados como construtores da Colônia e responsáveis pelo progresso da cidade de Blumenau.

Ferreira da Silva ressalta em sua escrita o passado como a origem do presente. “Nessa concepção, o passado é construído como um antecedente que dá sentido e vida ao presente e, portanto, é um ‘passado vivo’” (GOMES, 1996, p. 160), em que homens são destacados como heróis, como referências para o presente. O maior destaque é concedido a Hermann Blumenau, a quem Ferreira da Silva atribui a origem espiritual e intelectual da Colônia e, portanto, da cidade em seu presente.

Entre os retratos veiculados na *Revista Blumenau em Cadernos*, o de Hermann Blumenau (Figura 3) é uma constante em cinquenta anos de publicação, assim como em outras publicações sobre a história de Blumenau.<sup>5</sup> São poucos os retratos de Hermann Blumenau, porém, o jovem Hermann, em daguerreótipo em um estúdio na Alemanha, não condiz com a imagem de colonizador.

A fotografia selecionada não é uma fotografia de estúdio, mas sim feita em seu jardim. Um jardim/estúdio que confronta a selva e o civilizador. Como subtexto, tem-se grandes plantas tropicais que anteriormente representavam o perigo do desconhecido, animais ferozes e ‘índios selvagens’, que agora figuravam dominadas em seu jardim. Esta fotografia, veiculada na Alemanha do século XIX como prova do empreendimento colonizador, traça a trajetória dos colonizadores ao serem pensados como aqueles que enfrentaram o mundo selvagem e impuseram a civilização.

A fotografia de Hermann Blumenau reforça o discurso contido nos textos que tratam do empreendimento civilizatório realizado pelos colonizadores, como aquele em que José Ferreira da Silva (1971) destaca a ‘epopéia’ dos colonizadores:

Os fastos blumenauenses registram, quase em cada uma de suas páginas, os enormes esforços, as inúmeras dificuldades, os constantes perigos, as renúncias e os sofrimentos por quê tiveram que passar os primeiros colonos, até surgissem os frutos dos seus suores e lágrimas. E, justamente, quando maiores foram essas dificuldades, mais iminentes os perigos, mas deprimentes os desânimos e as decepções, é que se avanta a figura de Hermann Blumenau.

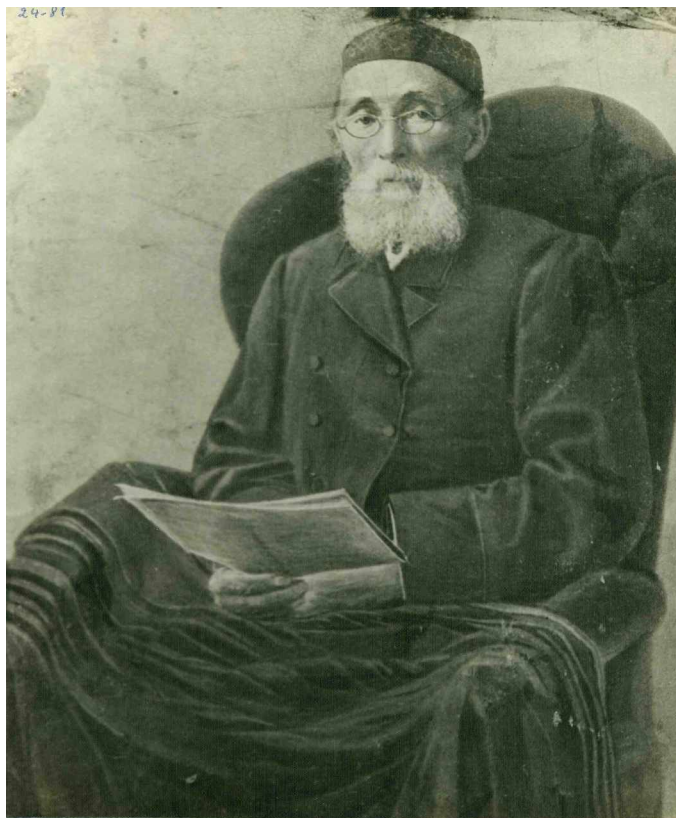
A fotografia e o texto repetem esse primeiro momento da fundação da colônia, em que o colonizador supera os perigos da selva brasileira (que na fotografia aparece ao fundo), quase encoberta pelo domesticado jardim tropical.



**Figura 3: Dr. Hermann Blumenau**

Fonte: Revista Blumenau em Cadernos (março, 1958, p. 81)

Ferreira da Silva defende, em seus textos, que a origem da cidade está intrinsecamente relacionada ao filósofo Dr. Blumenau, pois a filosofia desta ressalta o caráter intelectual do seu fundador. Esse fundador/intelectual responde aos anseios vividos por Ferreira da Silva em sua época, quando “se entendia que o progresso social de um povo era material, mas também de ‘civilização’. E, principalmente, porque se sustentava que o acordo entre ‘política’ e a ‘sociedade’ não se faria sem a cooperação dos intelectuais” (GOMES, 1996, p. 137). Assim, ressaltar Dr. Hermann Blumenau como intelectual engrandece a imagem da colônia como núcleo intelectual, principalmente ao analisar a fotografia dos primeiros imigrantes, legendada com a formação deles como médicos, veterinários e agrimensor.



**Figura 4: Dr. Hermann Blumenau**

Fonte: Revista Blumenau em Cadernos (Nov./dez 1998, p 53)

Contrastando com a fotografia de Hermann Blumenau em seu jardim, tem-se esta imagem pouco utilizada do colonizador em sua velhice na Alemanha (Figura 4). Muito mais do que um homem frágil, não condizente com a imagem de desbravador que o mito enaltece, poderia representar a sabedoria ou o ‘Pai Blumenau’, como Ferreira da Silva referiu-se a ele em alguns momentos.

Porém, a fotografia feita em sua casa na Alemanha reflete o fato que o fundador abandonou sua colônia, ato inexplicável por parte daquele que ‘sacrificou’ sua vida para dedicar-se à construção de uma nova vida para os colonos alemães e, sobretudo, “para o engrandecimento econômico e cultural de Santa Catarina e do Brasil” (SILVA, 1977. p. 150). Silva (1977. p. 149) afirma “o regresso do Dr. Blumenau à terra natal, obedeceu aos desejos da esposa. Que nunca pode adaptar-se à falta de comodidades e do conforto que fora acostumada na Alemanha”. Assim, o fundador cede às pressões familiares, contrariando seus desejos de permanecer na colônia. São forças externas que o afastam de sua obra. Dessa forma, o autor preserva o mito de Hermann Blumenau como herói que sempre lutou contra as adversidades que o afastam de sua ‘cidade’.



Complementando o discurso civilizatório, tem-se as fotografias dos Xokleng. Essas imagens de estúdio - com elementos de cenário perceptíveis - apresentam um 'selvagem' domesticado que, ao invés de representar o perigo, mostra a força do homem branco em seu empreendimento civilizador, ou seja, o exótico pode ser admirado em segurança, entre as paredes do estúdio fotográfico.

Nos textos referentes ao indígena na região de Blumenau, Ferreira da Silva escreve um ou dois parágrafos introdutórios, nos quais 'defendia' e exaltava a importância da cultura indígena para a formação da nação brasileira. Em seguida, reproduz textos de Eugen Fouquet, publicados no jornal *Der Urwaldsbote*, que defendia o extermínio indígena em nome do progresso. O mesmo ocorre em relação à obra de José Deeke, fonte de pesquisa para Ferreira da Silva, e publicada na *Revista Blumenau em Cadernos* como referência à questão indígena na colônia. Por vezes, é difícil perceber o fim do texto de Ferreira da Silva e o início dos textos desses autores que, cujo conteúdo não foi criticado.



**Figura 5: Xokleng - 1914**

Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Nas efemérides do *Calendário Blumenauense* de 1934, posteriormente reproduzidas na *Revista Blumenau em Cadernos*, a cada mês se encontra citações como: '2 de março de 1887 – Assalto dos bugres em Tatutiva'; '13 de março de 1870 – Os bugres atacam, no Alto do Rio Texto, a casa do colono Frederico Brumlow, matando-o e a mulher e levando consigo um filhinho de nome Augusto' (SILVA, 1934. p. 9). As notas introdutórias procuravam isentar o autor, porém, observa-se que seu discurso é favorável ao imigrante que trouxe a civilização e o progresso para a região.

O índio interessa enquanto curiosidade exótica (Figuras 5 e 6), fotografados como prova de sua vivência selvagem e do perigo que representam por estarem sempre com suas armas.



**Figura 6: Xokleng, dois belos representantes dos botocudos do vale do Itajaí na época da pacificação**

Fonte: Revista Blumenau em Cadernos (Fev. 1969, p. 37)

Os textos publicados na *Revista Blumenau em Cadernos*, sob a edição de Ferreira da Silva, ressaltam que para os imigrantes o “constante perigo representado pela sempre iminente ameaça de assaltos pelos indígenas foi um dos maiores entraves enfrentados pela colonização” (DEEKE, 1995. p. 213).

Em 1836, o governo provincial criou a Companhia de Pedestres, uma tropa que visava assegurar a vida dos colonizadores dos ataques dos índios às suas propriedades. Os componentes das tropas logo foram chamados de bugreiros, entre eles, Martinho Marcelino de Jesus ou Martinho Bugreiro, contratado para afugentar os indígenas da região de Blumenau. Sobre a Companhia de Pedestres, Ferreira da Silva escreve em legenda: “aí está, em todo garbo e disciplina, um batalhão de ‘batedores do mato’, os célebres batalhões de vigilância, encarregados de afugentarem os índios das proximidades dos estabelecimentos dos imigrantes” (REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS, 1959. p. 63) (Figura 7). O elogio de Ferreira da Silva à Companhia de Pedestres volta a expressar sua simpatia aos textos de Fouquet e Deeke, referentes à causa indígena. Contudo, é preciso frisar que nem todos os imigrantes eram favoráveis ao genocídio indígena, conforme citado por Deeke (1995, p.232): “É claro que não faltava propaganda contrária. Martinho era taxado, nos artigos de jornais, de genocida e, faziam descrições horripilantes de suas batidas. Só em Brusque teria provocado uma hecatombe, trucidando mais de 80 bugres.” A compreensão de muitos, portanto, passava pela pacificação e aculturação indígena, contrários às ações dos bugreiros.



**Figura 7: Martinho Bugreiro e suas vítimas**

Fonte: Revista Blumenau em Cadernos (Abril de 1959, p. 63)

A partir de 1906, houve um longo debate sobre o genocídio indígena e, assim, a Liga Patriótica para a *Catechese dos Selvícolas* opõe-se ao jornal *Der Urwaldsbote*, editado em Blumenau, que trazia reportagens contra os indígenas (SANTOS, 1997). A Liga Patriótica foi contra o genocídio e incentivou o trabalho de pacificação dos indígenas. O indígena, pensado como desafio e ameaça aos colonos, deveria ser civilizado, destituído de sua cultura. Assim, na seqüência de imagens, figura 8, os Xoklengs aparecem vestidos uniformemente em trajes da cultura européia, junto a Eduardo Hoerhann, responsável pelo empreendimento ‘pacificador’ junto aos indígenas. Estas fotografias representam a possibilidade dos indígenas se tornarem civilizados, ou seja, uma propaganda das idéias da Liga Patriótica, representando uma vitória do ideal civilizador.



**Figura 8: Eduardo Hoerhann e índios pacificados**

Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva



Esses retratos são representações da cidade, visto que entre os retratados estão seus fundadores, ou seja, a cidade entrelaçada com a imagem daqueles que deram origem a ela. Assim como estão os indígenas rejeitados e caçados nas origens da cidade, simbolizando o mundo não civilizado que, na concepção destes colonizadores, deveria ser modificado. Estas fotografias tratam da memória da cidade, uma lembrança constante daqueles que iniciaram Blumenau e dos perigos por eles enfrentados. Relembrando Barthes (1984, p. 127):

a fotografia não fala daquilo que não é mais, mas apenas e com certeza daquilo que foi. Essa sutileza é decisiva. Diante de uma foto, a consciência não toma necessariamente a via nostálgica da lembrança... a essência da fotografia consiste em ratificar o que ela representa.

Ao ensinar um novo código visual, a fotografia transforma e amplia as noções sobre o que vale a pena olhar e o que efetivamente se pode observar, constituindo-se num saber contemporâneo sobre a ética do ver. A memória parece ser de âmbito individual, em que cada indivíduo tem suas próprias lembranças e formas de gravar um momento que despertou interesse. Assim sendo, a fotografia tanto pode oferecer meios de perpetuação dos mitos da sociedade a partir de suas legendas e do modo como ilustra um texto, quanto oferecer meios para contestar os mitos estabelecidos pela sociedade. A fotografia, como prova de uma verdade incontestável, é frágil. Uma mesma fotografia pode ser referência para ‘verdades’ totalmente distintas.

A narrativa visual aqui estudada é fortemente marcada pela concepção de progresso. Dessa forma, os retratos dos primeiros imigrantes formam um conjunto de imagens que simboliza o mito fundador da cidade, cuja repetição relembra um exemplo de coragem e abnegação a ser seguido, a fim de dar continuidade à narrativa do progresso.

## NOTA DE FIM

\* Este artigo é versão modificada do Capítulo II, da dissertação de mestrado apresentada pela autora ao Programa de Pós-Graduação em História Cultural da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, intitulada: Grafias da Luz: a narrativa visual da cidade na Revista Blumenau em Cadernos, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Lize Brancher.

<sup>1</sup> Epopéia é um termo constantemente usado por Ferreira da Silva em seus discursos, palestras, livros e artigos para designar os primeiros anos da colonização de Blumenau, o uso deste termo faz referência a compreensão de do autor em relação a fundação da colônia.

<sup>2</sup> SILVA, José Ferreira. **Fritz Muller**. Blumenau, 1931

<sup>3</sup> SILVA, José Ferreira. **Doutor Blumenau**. Blumenau, 1933

- <sup>4</sup> Reproduzida nas edições: **Revista Blumenau em Cadernos**. Tomo XXXIX - nº 08 – Agosto 1998, p 31; **Revista Blumenau em Cadernos**, Tomo I - nº 3 – Janeiro 1958, p. 52
- <sup>5</sup> Fotografia reproduzida nas edições **Revista Blumenau em Cadernos**, Tomo I - nº 5 – Março 1958, p.8; **Revista Blumenau em Cadernos**.Tomo XXXVII – nº 10 – Outubro 1996, capa; **Revista Blumenau em Cadernos**. Tomo XXXIX - nº 04 – Abril 1998, p 18; **Revista Blumenau em Cadernos**. Tomo XXXIX - nº 06 – Junho 1998, p16; **Revista Blumenau em Cadernos**. Tomo XL- nº 03 – Março 1999, p 19; **Revista Blumenau em Cadernos**. Tomo XL- nº 10 – Outubro 1999, p 06.

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *A Câmara Clara: Nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- CENTENÁRIO DE BLUMENAU. *Blumenau: Comissão de Festejos*, 1950.
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.
- DEEKE, José. *O município de Blumenau e a história de seu desenvolvimento*. Blumenau: Nova Letra, 1995.
- FABRIS, Annateresa. *Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- GOMES, Ângela de Castro. *História e historiadores*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- KOSSOY, Boris. *Origens e Expansão da Fotografia no Brasil: Século XIX*. Rio de Janeiro: MEC/Funarte, 1980.
- REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS. Tomo I, nº 01, nov. 1957. Editorial.
- REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS. Tomo I, nº 3, jan. 1958.
- REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS. Tomo I, nº 5, mar. 1958.
- REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS. Tomo II, nº 4, abr. 1959.
- REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS. Tomo X, nº 2, fev. 1969.
- REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS. Tomo XXXIX, nº 07, ago. 1998.

REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS. Tomo XXXIX, nº 11/12, Nov./dez 1998.

SILVA, José Ferreira. *A Imprensa em Blumenau*. Florianópolis: IOESC, 1977.

SILVA, José Ferreira. *Acervo Fotográfico e Documental*. Arquivo Histórico. Blumenau. SC

SILVA, José Ferreira. *Calendário Blumenauense*. Blumenau, 1934.

SILVA, José Ferreira. *Discurso pronunciado na Assembléia Legislativa do Estado de SC*. Florianópolis, 02 de setembro de 1971. Arquivo Histórico.

SILVA, José Ferreira. *Discurso pronunciado no Encontro Internacional de Cantores em Blumenau*. 11 de agosto de 1973. Arquivo Histórico.